

MIGUEL ESTEVES CARDOSO

Por detrás dos óculos, o olhar de Miguel Esteves Cardoso é como o de um puto de 10 anos sempre pronto – ‘bora lá?’ – a desafiar o interlocutor que tem pela frente. Recebe-me, da primeira vez que vou visitá-lo, à porta do apartamento onde vive, no Estoril, como se nos conhecêssemos há 20 anos. Não é verdade. Ou melhor, eu sim, conheço-o há muito tempo, e ele é agora, perante mim, o que dele já conhecia em letra de imprensa: a pessoa mais tu-cá-tu-lá com quem já me cruzei. Bem, talvez esteja a exagerar. Lembro-me de mais meia dúzia de casos assim, é certo. O MEC torna-nos propensos ao exagero. Quem o leu conhece-lhe a tendência para a hipérbole. É um dos encantos do personagem: a capacidade de superlativar e de surpreender. Da segunda vez que o visito, tal como tinha acontecido na primeira, antes de nos sentarmos à conversa, conduz-me à cozinha, coxeando ligeiramente, para escolhermos a cor da cápsula de café. Está encantado com a máquina nova que a filha deixou lá em casa e há uma pilha de caixas em cima da mesa – umas abertas, outras por abrir – a demonstrar que está em curso uma investigação aprofundada sobre as qualidades dos diferentes sabores disponíveis. Discutimos as características do *ristretto*, do *arpeggio*, do *roma* e do *volluto* como se estivéssemos a trocar opiniões acerca de autores ou de livros de culto. É disso – de livros e de autores, da escrita e da leitura – que falaremos durante duas horas, já nos cadeirões onde não me é difícil imaginar o MEC pelo dia fora e pela noite dentro, com o computador ao lado, a ler, a escrever e a levantar-se de vez em quando só para calibrar, com um ligeiro movimento do estore, para cima ou para baixo, a quantidade de luz que, a cada momento, inunda a sala forrada de livros.

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES

O MEU MAL É TER UMA CURIOSIDADE DE PUTA



Acontece-lhe dizer, a respeito de certos livros, «não li e não gostei»?

Sim. Acho que nós aprendemos, desde miúdos, que há certas capas em que se confia. Havia as capas da Penguin, as capas da Panther. Sabia-se que alguns eram bons, outros eram maus. Mas ainda mais do que isso que se diz – «não li e não gostei» – eu já tenho, à partida, preconceitos muito fortes em relação a editoras em que não confio. Editoras trouxe-mouxe. Editoras que editam tudo. Editoras, sobretudo, sem um editor com gosto.

Tem esse diagnóstico feito no panorama português actual?

Eu agora estava a pensar mais nos ingleses e nos americanos. E estou a falar da minha infância, porque era tudo muito mais fácil nesse tempo. Agora as grandes conglomerações compraram as editoras e a mão dessas pessoas concretas – por exemplo na Vintage, americana – perdeu-se.

Ao perguntar-lhe se diz habitualmente «não li e não gostei», estava a tentar saber se faz, à partida, uma selecção drástica, em termos de gosto, antes de chegar à fase da leitura.

Eu tenho o vício da leitura, não é? Portanto, tudo o que está escrito, apetece-me ler.

Tudo mesmo?

Tudo, sim. Uma coisa má – mesmo que seja para pasmar com o mau que aquilo é – gosto de a abrir, porque não resisto a ler. Prefiro ler um mau livro a fazer outra coisa qualquer.

O que é que o faz embirrar, em geral, com um livro?

O livro estar mal escrito. Escrever mal faz com que uma pessoa fique com os nervos em franja. Impede de ler. É como se uma pessoa, ao falar, em vez de formar as frases e de fazer um encadeado de palavras, gemesse, gritasse, se interrompesse, se levantasse e se fosse embora. Distrai porque estamos sempre a ver os erros. É o equivalente em sintaxe a escrever com erros de ortografia. Estamos a ler e estamos a dizer assim: «Isto está tudo mal.»

Quais são os erros de escrita que encontra com maior frequência e que mais o fazem tropeçar durante a leitura?

Na literatura portuguesa?

Sim.

Um excesso de ornamentação. Um tom pomposo. Um tom apocalíptico.

Ainda se mantém tudo isso, na literatura portuguesa actual?

O mal escrever português contemporâneo é esse tom apocalíptico. Uma ideia excessiva da importância do sujeito. É um hábito português – um defeito barroco – que vem de trás: a grandiloquência.

Tem ódios de estimação literários?

Não. Não tenho.

De certeza?

Não tenho. Pronto, isto é bisbilhotice, não é?

Tu queres que eu te diga nomes de escritores e tal, que é sempre o mais engraçado. Vou-te dizer: eu só respeito verdadeiros escritores. Pessoas que são realmente escritores. Ou seja, pessoas que não passam sem escrever. A razão de ser delas no mundo é escrever. Isso é uma coisa muito cara.

A esses respeita-os mesmo que não goste do que escrevem?

É um respeito suspeito porque eu também sou uma dessas pessoas. Posso não gostar dos livros e posso até achar que escrevem mal ou que poderiam escrever melhor – mas são escritores. Não são pessoas que escrevem ao fim-de-semana ou que vão não sei para onde escrever um romance ou que escrevem porque têm de publicar alguma coisa. São pessoas que, de qualquer modo, escreveriam.



Lobo Antunes, Saramago, Agustina, são escritores que cabem todos nesse critério.

Sim. O Lobo Antunes é completamente um escritor. Isso é uma coisa muito digna. É alguém que não é capaz de fazer outra coisa senão escrever. É preciso muita coragem para se ser escritor assim.

E não tem realmente ódios de estimação literários?

Os meus ódios de estimação literários – que tenho muitos... [Gargalhada.] Tenho imensos ódios de estimação literários.

Ah, estava a dizer-me há pouco que não os tinha mas isso, realmente, estava a custar-me a aceitar.

Tenho poucas paixões literárias. Como são tão poucas, tudo o que não são paixões irrita-me. Por exemplo, o Lobo Antunes irrita-me, embora sendo um escritor e tendo-lhe eu respeito.

Porquê?

Irrita-me porque é torrencial, não é selectivo. Despeja. O que é uma coisa de que eu não gosto. Irrita-me, isso. A ideia de permanente torrente.

A Agustina não é uma escritora torrencial, também?

A Agustina é totalmente diferente. A Agustina é um génio. Génio é uma pessoa que faz, com pouco esforço, coisas maravilhosas.

Estava a dizer que o Lobo Antunes o irrita por ser uma torrente, por isso lhe falei da Agustina que também se pode dizer que é torrencial.

A Agustina não é torrencial. A Agustina é totalmente compacta. Os livros da Agustina podiam separar-se, cada um deles, em 500 livros. São só diamantes. Diamantes uns ao pé dos outros. Portanto, é o contrário de torrencial. Só é torrencial no sentido em que é uma torrente de frases fabulosas. Frases lindas. Portentosas. Magníficas. Muitas delas verdadeiras, outras truculentas e provocadoras. As frases... É preciso ter muita atenção à frase.

Interessa-lhe mais a frase do que a narrativa?

A frase é uma coisa demasiado desprezada. A frase: o predicado, o sujeito, não sei quê. Não é o parágrafo. É a frase. A pontuação. A sintaxe. Estas coisas todas de que agora ninguém fala. A moda agora é que qualquer pessoa escreve e escrever é encher o papel. Isso, quanto a mim, é uma bandalheira. Por exemplo, o caso do Saramago com a pontuação. É muito irritante – irritante e inculto – que não haja o cuidado da pontuação. A pontuação faz parte da escrita. É ultra-importante.

Disse: inculto?

Sim. É inculto. Não usar a pontuação é uma atitude inculta. Pode ser uma atitude propositada mas é inculto, no sentido de *não civilizado*. Mal-educado, se quiseres. O Saramago é um escritor admirável, pela tenacidade dele e pela maneira como ele vive as histórias. É um escritor com imensa força.

Mas...?

Eu não gosto nada dos livros dele. Acho os livros dele mal escritos. Mal escritos no sentido de serem convencidos da sua própria grandeza, da importância do que ele diz. É uma espécie de declaração ao mundo. Não uma história. Não um romance. A importância dos livros só se verifica muito, muito tempo depois. Não é uma coisa instantânea. Não é uma questão de declarar ao mundo as minhas ideias. Isso fazem os filósofos e outras pessoas assim. Os romancistas são contadores de histórias.

Aquilo que o enerva em Saramago é, portanto, aquilo a que ele próprio chama a propensão enxaísta dos romances que escreve.

Que fique claro que escolheste os exemplos de dois grandes escritores, que eu respeito imenso. Mas também acho muito mais saudável meter-me com eles do que estar a meter-me com outros...

Que não respeita tanto.

Ou que não respeito *at all*.

Falámos de Saramago e de Lobo Antunes por serem os dois nomes mais emblemáticos da literatura portuguesa actual.

Sim. Mas são muito diferentes. O Lobo Antunes tem um estilo. Ter um estilo é 90 por cento do problema. E ele tem um estilo. É o problema clássico da escrita: o estilo é o homem.

E o Saramago não tem um estilo?

O Saramago também tem um estilo. Conseguiu um estilo. Ainda por cima, um estilo que se nota perfeitamente que lhe custou. Foi difícil. O Saramago tem uma coisa maravilhosa, magnífica, linda: é uma pessoa que não era escritor desde que nasceu, com todas as dificuldades, mas que se tornou, dia após dia e palavra após palavra, aquilo que queria ser. É um *late bloomer*. O Saramago construiu-se. Vai-se ler os primeiros livros dele e ele ainda não tem o estilo. Conseguiu construí-lo.

O Miguel hoje parece mais cauteloso e menos cruel a avaliar os escritores de que não gosta do que era há 20 anos atrás?

Menos cruel?! Eu acho que já é insuportável... Quando se é muito novo, a ignorância leva-nos a fazer listas: amo e odeio. Quando era muito novo eu disse: «Detesto música brasileira». Não conhecia a música brasileira. Odeio música *country*. Não conhecia. Para facilitar, numa situação de ignorância, o que é que se pode fazer? Dizer «não conheço», «não faço ideia»? Não. Ou sobre as mulheres: «Gosto de mulheres não sei quê.» Só conheces duas. Mas tens de dizer «odeio francesas» ou «odeio comida italiana», vamos supor, para poderes construir uma personalidade. À medida que se vai lendo e vivendo, essa defesa deixa de ser necessária. Portanto, isso que parece ser crueldade, quando se é jovem, é antes uma forma de ignorância.

Alguma vez se arrependeu de alguma dessa crueldade que pôs nos textos que escreveu?

Tu achas que eu sou cruel?

Lembro-me, por exemplo, de um texto seu sobre o Miguel Torga que me pareceu de uma enorme crueldade.

Sim. Mas essas crueldades, são crueldades de jovem. É que levar com o panteão... Há muito a ideia portuguesa do panteão: «Tens de ler o não sei quantos...» «E isto? Aiii!» E mesmo que uma pessoa leia tudo ainda dizem: «Ah não, mas o que tu tens que ler é o tal e o tal.»

Teve vontade de dinamitar tudo isso?

Pois. De dinamitar essa merda toda. E quando se vai mesmo ler esses tais clássicos e se começa a ler o Antero de Quental e não sei quê, os tais famosos, vê-se tanta merda...

O Antero de Quental é um exemplo ou foi um nome que lhe saiu ao calhas?

Não. O Antero de Quental foi um grande poeta mas tem muita coisa má. Depois, há os grandes escritores que nunca desiludem, mas nunca: por exemplo, a Agustina. O António Vieira. Isso é que é um génio. Não há nada que ele tenha escrito que não seja um enlevo, uma coisa maravilhosa. O Francisco Manuel de Melo. É absolutamente genial.

Alguma vez alguém reagiu a essas crueldades literárias que cometeu em tempos?

Não. As pessoas gostam, quando se é jovem – porque eu era muito novo nessa altura –, de ter um miúdo novo, arrogante, que venha dizer mal dos velhos. É uma função *punk*, não é?

Essas pessoas a que se refere não são os visados, naturalmente.

Não os visados. Mas acho que os visados compreendem, também.

O Miguel Torga nunca reagiu às suas diatribes?

Não. Compreendem. São pessoas civilizadas. Aliás, o caso do Torga era uma piada por causa de um livro em norueguês. O Torga tem coisas muito chatas. O tédio é uma coisa muito chata. Ele é muito sincero, de certeza, mas aquela ideia abnegada e a rocha e a pedra... O gosto aqui é sempre por aquela ideia

SE EU DISSER ASSIM «O ÚNICO ROMANCISTA QUE VALE A PENA LER, EM PORTUGAL, É A AGUSTINA BESSA-LUÍS», NÃO ACHAS ISSO UMA CRUELDADE? EU TENHO MUITOS AMIGOS E SEI QUAL É A TRADIÇÃO DE DAR GRAXA NA ENTREVISTA. DEPOIS, AS PESSOAS JUNTAM-SE NAS FESTAS E LAMBEM O CU UMAS ÀS OUTRAS. EU NÃO VOU A FESTAS. SEMPRE FUI UM ISOLADO.

francesa, século XIX, dos escritores que são sempre os arautos que, para além de escreverem, também têm uma intervenção cívica. São sempre indobráveis. Por exemplo, olha o caso do Cardoso Pires: é um caso perfeito de um escritor a sério e que não tem essa pomposidade. Eu só o vi duas vezes mas só pelos livros dele se vê: isto é que é um escritor, mesmo.

Vê alguém, hoje, numa posição equivalente à que criticava em Miguel Torga?

Essa posição foi negada, graças a Deus. Esse empenho da pessoa na escarpa, pronunciando-se, incorruptível, incontactável, dura como Trás-os-Montes e como as terras frias ou o raio que a parta, essa figura já não existe.

Já não há então ninguém que desempenhe esse papel?

Já não é concedido esse estatuto. Há muita gente que gostaria de o ter. Quem é que não gostaria de ser um arauto? Dá-me lá uma lista. Faz-me lá um teste americano. Com essas perguntas tu estás sempre a pensar em alguém.

Eu aqui sou só o entrevistador.

É bom que também tu te estampes um bocadinho. [Gargalhadas.]

O que eu queria saber é se, hoje, figuras como Saramago, Lobo Antunes, Manuel Alegre são encaradas por si desse ponto de vista.

O Lobo Antunes é uma pessoa de uma sinceridade total que é sempre muito interessante ouvir porque ele diz a verdade. É uma coisa bonita. Diz exactamente a verdade tal qual ele a vê e a sente. Não é um mentiroso. Não tem aquela coisa da pompa, graças a Deus. O Saramago tem essa coisa pomposa mas o encanto dele é ser coerente consigo próprio e ser comunista. Acho isso uma coisa maravilhosa. Toda a gente queria que não e dava jeito que não fosse, mas ele continua na dele. Isso é fabuloso. Portanto, não pode ser acusado de ser um arauto porque é um marginal. Não se pode ser mais marginal, hoje, do que ser do PC. Nisso, tiro-lhe o chapéu. Toda a gente adoraria que ele se desprendesse e fosse de todos.

Manuel Alegre?

Adoro o Alegre porque é um *bon vivant*. Tem poemas lindos e é uma pessoa muito simpática. Geralmente, concordo com as coisas que ele diz sobre a vida e a literatura. Gosto muito dele. Arauto? Não. Ele diz aquilo que acha. É uma pessoa que se expõe. Podemos apontar-lhe os defeitos: andaste com esta e bebeste isto ou bebeste aquilo. Isso é bom.

Quando o Nobel da Literatura foi atribuído a José Saramago – faz agora 10 anos – ficou satisfeito ou foi-lhe indiferente?

Fiquei muito contente. Para já, considerando o trabalho dele. O que ele fez é uma coisa totalmente admirável. A vida dele. Como ele se fez escritor. Ele tem um grande talento para imaginar enredos e situações. O Nobel é bom para premiar esse tipo de escritores.

A sua alegria, então, não foi só por razões de patriotismo.

Não. Claro que pelo lado patriótico também fiquei contente. Porque isso mostra que estão atentos a Portugal. Mas acho bonito por ser o tipo de escritor que o merece pelo trabalho que fez.

Volto à observação que já lhe fiz há pouco: hoje parece bem menos cruel a avaliar o trabalho dos outros.

Achas? Se eu disser assim «O único romancista que eu acho que vale a pena ler, em Portugal, é a Agustina Bessa-Luís», não achas isso uma crueldade? Eu tenho muitos amigos e conheço muitas pessoas e sei qual é a tradição de dar graxa na entrevista. Depois, as pessoas juntam-se nas festas e lambem o cu umas às outras. Eu não vou a festas. Sempre fui um isolado. Quando eu digo que a Agustina é a única que vale a pena, queres mais cruel do que isto? Eu podia dizer: «E há o não sei quantos que também é bom e o não sei quê...» Fazia-te uma lista, por aí fora. Mesmo em relação aos

escritores do passado a minha lista também é muito curta. Como é natural. A literatura portuguesa já tem muita gente boa para o tamanho do país. Somos um país pequeno.

Mas só vale a pena ler escritores geniais?

Só.

Um bom escritor não é já o suficiente para justificar a leitura de um livro?

Dado o pouco tempo de vida que nós temos, temos de procurar sempre e só o melhor. Isso é para pessoas que não lêem. Pessoas que não lêem podem dizer: «Ah, agora vou de férias e vou levar o livro policial para estar à vontade.» Isso é a conversa da ignorância. Do analfabeto. O analfabeto é aquele que diz: «Eh pá, isso é muita bom mas agora não tenho paciência, preciso de calma para isso.» Isso é a conversa das pessoas que não lêem. Eu estou a falar de leitores. As pessoas que lêem não têm essa ideia: «Agora vou ler só para me distrair.» Nós temos de procurar sempre o melhor. Se os próprios romances geniais estão cheios de defeitos... Por exemplo, o caso do Beckett, o escritor genial do século XX: a insatisfação dele e o nojo, a repugnância que ele tinha pelo próprio trabalho dele, pelas insuficiências ou pelos excessos, por não ser capaz. Porque os escritores muito, muito bons trabalham sempre no limite das suas capacidades. Ou seja, em vez de fazerem coisas fáceis vão tentar chegar mais longe. Portanto, derrapam, no limite da sua capacidade. Os livros geniais são os únicos que valem a pena e até esses têm defeitos. Mas com esses defeitos aprende-se. Estamos a falar da ficção. Fora da ficção uma pessoa lê tudo sobre o mundo.

A ficção é um estádio superior?

A ficção é um estádio superior, sim. A grande ficção, é. É a grande arte. Uma pessoa sozinha com um lápis ou uma caneta e fazer qualquer coisa assim, é algo de maravilhoso. Seja ficção ou poesia. A literatura é uma coisa maravilhosa. Toda a gente sabe isso.

Não é sensível à tentativa falhada?

À tentativa falhada dos grandes escritores, sim. É fascinante. O leitor nunca acha aquilo tão falhado, nem pouco mais ou menos, como o próprio escritor. Um falhanço de um grande escritor, um livro efêmero de um grande escritor, feito por tabela, é sempre melhor, para mim, do que o melhor livro de um escritor medíocre ou mau. Os garatujos do Pessoa ou os comentários que ele fez quando estava bêbado são melhores... O génio não se pode ligar nem desligar. Mas o génio também tem a consciência da incapacidade. O Picasso – continuamos a falar de casos extremos – o Picasso também se torturava com aquilo que não era capaz de fazer.

Algo aquém de genial, portanto, não lhe interessa.

Na ficção?

Na ficção.

O tédio do livro bem escrito, a história bem contada, com princípio, meio e fim, não. Não me interessa absolutamente nada. Mas há escritores geniais suficientes para se estar entretido para o resto da vida. Mais do que suficientes. Por exemplo, o Naipaul. É um escritor que muita gente odeia. É uma pessoa quezilhenta, atrabiliária, difícil.

O Paul Theroux escreveu um livro sobre a ex-amizade entre ambos que não dá dele uma imagem nada boa.

ACHO OS LIVROS DO SARAMAGO MAL ESCRITOS, NO SENTIDO DE SEREM CONVENCIDOS DA SUA PRÓPRIA GRANDEZA. É UMA ESPÉCIE DE DECLARAÇÃO AO MUNDO. A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS SÓ SE VERIFICA MUITO TEMPO DEPOIS. NÃO É UMA QUESTÃO DE DECLARAR AO MUNDO AS MINHAS IDEIAS. ISSO, FAZEM OS FILÓSOFOS E OUTRAS PESSOAS ASSIM. OS ROMANCISTAS SÃO CONTADORES DE HISTÓRIAS.

Horrível, horrível. E agora houve outro – o Christopher Hitchens – que também escreveu sobre ele coisas horríveis. Odeiam-no. Pela maneira como ele trata as mulheres e não sei quê. Fizeram a mesma coisa com o Larkin. Mas o Naipaul é um génio. As coisas que ele escreve – mesmo as de reportagem – têm, todas, esse génio. O génio dele é a capacidade de transmitir uma verdade interior qualquer, cristalinamente igual àquilo que ele sente. **Isso concede-lhe direitos especiais? O facto de ele ser um génio apaga os defeitos humanos que lhe apontam?**

As duas coisas nunca se podem confundir. O que nós fazemos é assim: se ele é um génio deixa cá arranjar defeitos. Nós é que, para conseguirmos aguentar o génio, para conseguirmos acomodar o génio e não ficarmos siderados, fazemos um esforço especial para lhe arranjar defeitos. Dizer que o Philip Larkin gostava de olhar para fotografias pornográficas! Como se isso fosse uma tara inusitada. Dizer isso é absurdo. Só que nós temos de fazer isso para o desbastar, de alguma forma. Acho isso totalmente errado. A personalidade das pessoas não tem nada a ver com a escrita. As coisas têm de se distinguir completamente. Quando se lê um livro de um determinado autor porque é que se há-de saber a vida dele?

O Kundera interessa-lhe?

O Kundera é precisamente daqueles escritores que eu acho um bom escritor mas um escritor de salão.

Não é o suficiente para lhe interessar?

Não, não.

Lembrei-me dele por causa das revelações recentes sobre uma denúncia que ele terá feito no passado e que levou um estudante checo a passar 14 anos na prisão.

Acho que isso não tem nada a ver com a literatura. Como nos casos da Christa Wolf, do Kadaré...

Do Günter Grass.

Sobre toda a gente que morava numa ditadura vão arranjar histórias. Isso é uma vertente humana que pode ser usada, sim, mas para as tais declarações políticas que eles fazem. Aí sim, pode-se apontar essas coisas. Mas isso, por amor de Deus, não tem nada a ver com a obra. A obra é uma coisa que fica. Se tirarmos os filhos da puta da literatura e da pintura ficamos com nada. Se se tirarem os bêbados fica-se com zero. Se deixarmos só os livros feitos por pessoas que se portavam bem, tratavam bem a mulher, eram bons amigos e pagavam as contas a horas, ficamos só com merda. O único autor que foi boa pessoa e ao mesmo tempo um génio é capaz de ser, sei lá, o Beckett.

O Beckett era boa pessoa?

Sim. Um santo, quase. Mas a culpa nisto é sempre dos leitores. Porquê? Porque as pessoas que opinam sobre o Kundera nem sequer leram o Kundera. Mas ficam contentes: «Ah, ainda bem que ele afinal é um filho da puta que assim já não tenho de o ler». O Larkin: «Ah, ainda bem que ele era um bocado racista; pronto, era racista já não tenho de o ler.» É a tal ideia do antileitor, o leitor ocasional. É o leitor que compra livros e que estraga as listas de vendas porque compra sem critério. Sente que ler é uma obrigação e que ler enriquece. Outra asneira.

A leitura não nos enriquece?

Não. Nada enriquecidos. Há leitura malévola, leitura amoral. Coisas terríveis. *O frisson* máximo da literatura, para mim – quando eu era miúdo, com seis, sete anos – era sempre o de pensar: «Estou aqui a ler coisas que não me deixam ver ou dizer.»

Lembra-se do primeiro livro desse índice que leu à socapa?

Lembro. No Mark Twain, no *Tom Sawyer*, havia a coisa da fuga...

Leu isso muito pequeno?

Sim. Aos quatro, cinco anos.

Aos quatro anos já lia?

Toda a gente lê. Sim, eu li desde muito cedo. Não sei se aos quatro. Aos cinco, seis. Não sei. Muito novo. E lembro-me de sentir que a literatura fala de coisas em que os vilões, pessoas maldosas, são heróis que nós admiramos. Ou o Oscar Wilde...

Disse uma vez numa crónica que leu tudo o que ele escreveu por volta dos 12 anos.

Sim. Na edição Spring. E aquilo é profundamente corruptor. A superficialidade e não sei que mais...



Miguel Esteves Cardoso no Hotel Palácio, um dos locais emblemáticos do Estoril

Encoraja, portanto, as piores coisas. A ideia de que a literatura tem um papel moral, positivo ou negativo, é errada. Nem enriquece, nem empobrece. Pode enriquecer ou pode empobrecer. Mas não é essa a razão para ler. Uma pessoa lê para ficar deslumbrada. Uma pessoa lê para ficar noutro estado. Para sair de si própria. Uma pessoa lê para estar noutro mundo. Para entrar noutro estado. E, no caso das coisas muito bem escritas, num enlevo. Há um enlevo de ser levado.

O fenómeno dos *best-sellers* interessa-lhe?

Esses fenómenos sempre existiram. Não há nenhuma novidade nisso. Toda a gente deve ler e tem de haver coisas para ler para todas as pessoas. Lá está: há a ideia do arauto a querer censurar, a tirar os livros de merda... Para quê? Para as pessoas não os comprarem. Esse totalitarismo também é muito português e faz muito medo. Ou seja, é o problema da crítica aos *best-sellers*. Os livros são uma merda? Sim, são uma merda para quem gosta de livros bons. Mas toda a gente tem o direito de ler. Compram um livro, gostam de ler e quem és tu para dizer que fazem mal? Para quem está no negócio dos livros – que é o nosso caso – tudo o que seja leitura é sempre bom. É bom que as pessoas se habituem a ler porque um dia pode ser o teu livro que elas vão ler. Essas pessoas são aliadas.

Olha o caso do José Gil. O hábito dos *best-sellers* é uma coisa muito, muito boa. A ideia de que um livro pode vender muito é boa para toda a gente.

Leu algum dos romances *best-seller* do Miguel Sousa Tavares, por exemplo?

Não, não li. Gosto imenso das colunas dele. Da severidade dele. Da honestidade dele. Gosto das colunas mas os romances não li. Nem vou ler.

Nem vai ler?

Não vou ler. As coisas que eu tenho para ler são tantas que não tenho tempo nem paciência para ler a ficção portuguesa. Para além disso, não quero ler porque me vai chatear.

Já sabe que o vai chatear?

Vai-me chatear... Se eu gostar de uns e não de outros vai-me deprimir. Vai-me meter no mundo das pessoas que escrevem esses livros, em Portugal. Não quero isso.

Porque recusa conhecer aquilo que existe à sua volta?

Não. Eu não vejo televisão portuguesa. Faço tudo para estar o mais isolado possível. Porque eu tenho que manter o meu amor a Portugal. Tenho que o manter a todo o custo. Portanto, estou muito numa redoma.

É portanto uma forma de se fechar à realidade portuguesa para poder continuar a dizer que gosta de Portugal.

Portugal é o grande amor da minha vida. Eu não posso perdê-lo.

Sente que esse amor pode ser posto em causa se sair da sua redoma?

Exacto. Faço tudo para não ser contaminado. Porque eu vejo o que acontece às pessoas com a minha idade e mais velhas. Vejo a amargura que entra nelas e o desalento e o desencanto total: «esta merda», «esta choldra», esse tipo de conversa é tão antigo, vem tão de trás... Esse desencanto progressivo é feito assim: sai um livro – «Ah, que maravilha, é um livro giríssimo» –, passados uns três ou quatro anos a mesma pessoa escreve três ou quatro livros maus – «É uma merda, é tudo uma merda.» Isso é exactamente o que eu não quero. Eu quero ver o que há de eterno em Portugal. Se me apetecesse muito ler o livro do Miguel Sousa Tavares, eu lia. Conheço pessoas que leram e gostaram imenso. Tenho a certeza de que não é um mau livro.

Além de não ver televisão, de não ler ficção portuguesa, que mais é que recusa para poder preservar o seu amor a Portugal?

Como todo a gente, quando se anda, contorna-se as estremeiras. Quando uma pessoa anda, escolhe sempre o caminho onde as coisas cheiram melhor. Toda a gente faz isso. Agora, há pres-



soas que procuram a merda e que tiram prazer desses tais *best-sellers*, de os ir ler para dizer: «Eh pá, que mau.» E vêm-se com isso: «Que mau, aquilo está cada vez pior.» Ou ligam a televisão e vêm: «Eh pá, isto já chegou a um ponto!» Mas deliciam-se e babam-se com isso. Acho que esse é o destino de 90 por cento dos intelectuais portugueses. Isso é uma coisa tristíssima, terrível, destrutiva e que mata o amor. Num amor, com a pessoa que tu amas, tu também não estás lá quando ela vai à casa de banho. Tenta-se fazer de forma a manter esse amor e a que esse amor cresça. Ou achas que a vida não tem coisas suficientemente deprimentes sem que seja preciso andar à procura de mais?

O Miguel escreveu uma crónica, há uns anos, em que acabava a sugerir aos leitores que comessem nesse mesmo dia a escrever um romance. Hoje ainda daria esse conselho a alguém?

Sim.

Apesar dessa reserva toda quanto àquilo que se escreve?

Mas eu não tenho essa coisa... Tu tens, tenho a impressão, uma coisa que acho que é uma coisa de esquerda, e que é uma ligeira coisa de censura: é pena haver tanta merda e não publicarem livros melhores e não sei que mais.

Nada disso. Eu estou só a fazer perguntas.

Porque não escrever um romance? É uma coisa gira. Uma pessoa a escrever aprende muito. Não interessa se escreve mal ou se escreve bem.

A minha pergunta tinha a ver com uma afirmação anterior sua: a de que não vale a pena se não for um génio.

Ler.

Escrever é outra coisa, então.

Porra, as pessoas não têm culpa de escrever. As pessoas não têm culpa de não ser génios.

Pode-se construir aqui um axioma: se eu à partida acho que só vale a pena ler os génios e se sei que já há génios mais do que suficientes na história da literatura...

Sim, mas repara: eu posso ser a maior merda do mundo – e sou uma merda – mas quando leio exijo ler o melhor. Eu posso ser a pessoa mais pobre do mundo mas, se me desses cem mil contos, eu vestia-me melhor, de certeza. Ou posso ser um desgraçado de um pobre que não sabe cozinhar mas tu dás-me dinheiro e eu vou ao Gambrinus.

Mas o raciocínio aqui é o inverso: se eu sei que não atingirei nunca o patamar da genialidade e se para mim só o génio serve, porque é que hei-de pôr-me a escrever?

Repara, são duas coisas totalmente diferentes. Uma coisa é ler. A outra é que tu não podes tentar

ser um génio ou ser muito bom. Só tens que fazer o melhor que consegues. Mas uma coisa não está ligada à outra. É essa a estratégia que eu sigo. Não vejo porque é que uma pessoa, mesmo sem talento nenhum, não possa escrever um romance. Até pode escrever esse romance e outras pessoas podem gostar. Porque não?

Porque estou a partir do seu raciocínio de que se não é genial nem vale a pena ser lido.

Mas esse é o meu critério. Não acho que esse critério deva ser aplicado a seja quem for. Era muito mau se assim fosse. Era o mundo mais triste. Era um mundo totalitário. Pior do que o do George Orwell. Toda a gente tem de ter um critério para ler. Ou nenhum critério. Eu só digo que a minha posição perante a literatura é essa. Acho que é a correcta para mim.

Mas sendo simultaneamente leitor e escritor isso não lhe cria um dilema?

Olha, deprime-me imenso. É ultradeprimente estares sempre a ler coisas muito melhores do que alguma vez vais conseguir escrever. Ultradeprimente. Tem outro problema gigantesco, que é o problema da influência: influencia-te imenso e levas anos e anos a tentar extirpar essas presenças. Não as notas quando estás a escrever mas passa um mês, vais ler aquilo, meu Deus! Parece o autor que tu mais admiras mas de sétima quali-

dade. Tem todos esses problemas. Portanto, é preciso coragem para ler os génios. Coragem!

Se calhar, é preciso coragem, sobretudo, para continuar a escrever tendo lido os génios.

Mas as pessoas que se querem consolar a elas próprias e acharem-se as maiores, então essas, sim, podem ir ler essa merda toda que anda para aí. E sentem-se as maiores. Apontam o dedo, que é o que os Portugueses gostam de fazer. Os Portugueses têm esse vício terrível de ter que se sentir os melhores. Então, os muito baixos, muito estúpidos, com muito pouco jeito, vão um patamar mais abaixo e vão ler a ralé, supostamente, e dizer: «Fa-fa-fa, fa-fa-fa, fa-fa-fa.»

É aí que entra a frase: «Isto também eu fazia.»

Exacto. Se as pessoas utilizam a leitura como uma maneira de se sentirem bem ou não sei quê...

A leitura não é também uma forma de consolo, por vezes?

Não. A arte aterra e deslumbra. Isso é muito desconfortável. Nos grandes escritores é profundamente deprimente em relação à condição humana.

O Miguel tem três romances publicados...

Eu não faço distinção entre os romances que estão publicados e os outros que ainda não estão publicados.

Quantos tem por publicar?

Não sei. Três ou quatro. Cinco. Mas não faço distinção. Eu vejo a minha vida como tendo um princípio e um fim e portanto não vejo diferença. Os que publiquei foram os que eu achei melhores.

Como é que se relaciona com a recepção que eles tiveram?

Reacção crítica não houve quase nenhuma.

E a que houve não foi propriamente entusiástica.

Não. Houve uma ou duas críticas más do primeiro. Do segundo não houve nenhuma. E do terceiro também não houve nenhuma.

É pior não dizerem nada ou dizerem mal?

É sempre pior dizerem mal. É muito mau dizerem mal. Porque uma pessoa já tem um medo enorme de que aquilo seja uma *ganda* merda, quando vêm confirmar é horrível. Eu acho que o trabalho de um escritor tem de ser dizer a verdade. Acho que é esse o trabalho número um. Dizer a verdade, representar a verdade ou encontrar uma coisa bem apanhada que faça as pessoas dizerem: «É assim, de facto é assim. O amor é assim.» Ou: «As árvores em Penafiel são, de facto, assim.» Não vale o fingimento de que eu não ligo às críticas. Isso é tudo uma grande mentira. Se não ligamos às críticas, isso implica um desprezo terrível pelos outros. Claro que se liga. Mesmo se uma pessoa na rua te disser: «Não gostei nada.» Pessoas da família... Já me disseram: «Eh pá, horrível, não percebi nada.» Isso magoa sempre muito. Uma pessoa tenta não ligar demasiado aos elogios para depois não ligar muito às críticas. Mas uma pessoa é humana e insegura...

Depois de publicar o terceiro romance, há mais de 10 anos, não publicou mais nenhum. Porquê?

Já tenho muitos livros.

Estamos a falar do ficcionista, não estamos a falar do cronista.

Sim. Como ficcionista já tenho três romances, já podia morrer à vontade que já tenho uma obra considerável, porra. Essa história de quando é que sai o próximo, isso é cá comigo. E a coisa de que já passaram não sei quantos anos... Por amor de Deus, ninguém trabalhou tanto como eu.

ESCREVER É TRABALHO. TEM QUE SE TRABALHAR. NÃO HÁ ESSA COISA DOS UNIVERSOS, NEM A INSPIRAÇÃO. TENS QUE TE SENTAR, ÉSCREVER, IR TIRANDO UNS APONTAMENTOS. DE VEZ EM QUANDO VEM UMA IDEIA, TENS QUE PENSAR E TRABALHAR E LER E INVESTIGAR. INFELIZMENTE É TRABALHO. NÃO HÁ MANEIRAS FÁCEIS.

Não lhe estou a cobrar nada.

Já é embaraçosamente grande, a minha bibliografia, para a minha idade. Não é como se tivesse escrito um romance e agora se perguntasse: «Então e outro romance?» Não. Eu já escrevi o outro romance e mais outro e o quarto e o quinto e o sexto e o sétimo e o oitavo.

Portanto, tem cinco romances escritos e ainda não publicados. O facto de terem ficado em salmoura tem alguma coisa a ver com a reacção aos três que publicou?

Não. Há essa reacção da crítica que sai mas, por exemplo, *O Amor É Fodido*, que já saiu há bastante tempo, se fores ver à Internet, é um livro que está vivo. Para além de se vender imenso, passado tanto tempo, o que é uma coisa incrível, é um livro ultracitado. E nos *book-crossings*... É um livro vivo. Acho que isso é a melhor coisa que pode acontecer a um livro. Fico muito satisfeito. Considero-me um escritor de quem as pessoas gostam muito. Não tenho nada a noção de que fui maltratado. Tenho essa sorte. Tenho a segurança dos meus leitores.

O cronista e o ficcionista, em si, são dois escritores diferentes?

Não. É sempre a mesma pessoa. O trabalho da minha vida foi sempre tentar escrever de tudo: para um jornal, escrever publicidade, fazer uma revista, escrevi canções, teatro, fiz traduções, escrevi poesia.

Escreveu poesia mas nunca a publicou.

Publiquei sim. Quando era novo a revista *Fenda* publicou um poema meu. A primeira coisa que publiquei na revista do Colégio Inglês foi poesia. Escrevi as Grandes Opções do Plano, a tese de doutoramento, os bilhetes à empregada, cartas de amor.

Tudo isso faz parte de uma mesma obra?

A minha ambição foi sempre escrever tudo. Sempre tentei ser um escritor de tudo. Escrever uma campanha política. Tudo escrita. A escrita como experiência. Consegui sempre estar totalmente dentro de tudo o que faço.

Escreve tanto em português como em inglês: o que é que o faz optar por uma língua ou pela outra?





O inglês foi a minha primeira língua. É a minha língua materna. É em inglês que falo com os meus irmãos e com a minha mãe e que falava com o meu pai. Portanto, o inglês é a minha língua da facilidade. O português foi uma coisa que eu tive de aprender. Dá-me mais luta e reprime-me mais.

Escreve mais facilmente em inglês do que em português.

Sim. Mas sai de forma torrencial. O português obriga-me a pensar mais.

Os romances que publicou escreveu-os todos em português?

Escrevi dois romances em inglês. Um foi traduzido pela Luísa Jacobetty. Ficou muito bem. Melhor do que em inglês.

Então porque é que não o publicou?

Eu já publiquei muita coisa. Tenho que ter muito cuidado. Acho que as pessoas publicam demais. Não posso estar sempre a chatear as pessoas, que não querem ter um livro todos os anos.

Publica-se demais, em Portugal?

Não, pá. Publica-se o que se publica.

O Miguel é que estava a dizer ainda agora: «Acho que as pessoas publicam demais.»

As editoras é que pressionam. Tudo pressiona nesse sentido. Só que nós vamos ver os escritores mortos, vamos ver o que é que lemos dessas pessoas e é um ou dois livros. É muito provável que, com 53 anos, aquilo que eu escrevi e que vai ficar já esteja escrito. Outra mentira é dizer: «Ai, o meu próximo livro é que vai ser o melhor.» As pessoas têm que manter aquela ficção de que vão melhorando com a idade. Isso é uma ficção terrível. Toda a gente sabe que é quando se é novo que se escrevem os melhores livros.

Quer dizer que não se sente a melhorar, enquanto escritor?

Não. Eu tenho que lutar contra isso porque sei que é falso e é patético. Claro que eu penso: «Agora é que eu vou fazer uma obra-prima.» Quero fazer. Sinto que vou fazer. Mas com a noção de que, se calhar, tudo o que valeu a pena escrever eu já o escrevi e se calhar esse talento torrencial foi-se atenuando. Nunca se sabe.

Sendo-lhe mais fácil escrever em inglês do que em português, a língua em que escreve influencia aquilo que é escrito por si?

Eu tentei sempre fazer com que o meu português fosse intraduzível para inglês. Para já, falando muito de Portugal e dos Portugueses.

E recorrendo muito a expressões idiomáticas.

De uma forma idiomática, sim, que fosse especificamente portuguesa. Também na sintaxe. Faço questão, sempre, de ser um escritor português. Eu podia ter ficado na Inglaterra. Tinha muito boas notas, muito boas condições, muitas ofertas. Mas não. Sai caro viver em Portugal mas é aquilo que eu quero. É lindo. É um luxo.

Além da língua em que escreve, que mais é que influencia de uma forma imediata aquilo que está a escrever? As leituras que está a fazer, na altura...

De há uns 15 anos para cá acho que já tenho o meu estilo. Já não sou influenciável. Já estou empedernido. Quando era novo, sim.

Como é que descreve o seu estilo?



Todas as respostas que se possam dar a isso ficam sempre... É a tal coisa do pomposo. A pergunta pressupõe que eu tenho uma descrição. Eu nunca pensei nesse assunto. Estou só a dizer «o meu estilo» no sentido de que já tenho a minha maneira de escrever. Isso já não é um problema para mim. Sai-me bem e uma pessoa que leia diz: «Ah, isto é dele.» Mas não tenho uma lista de regras.

Escreve melhor de noite ou de dia?

É igual.

Tranquilo ou sob stresse?

Escrever é sempre um stresse. Não é o escrever, é o antes de escrever. A Dorothy Parker dizia que ter escrito é a melhor sensação do mundo. *Ter escrito*.

Sóbrio ou com um grão na asa?

Durante muitos anos, sempre com um grão na asa. Sempre. Durante dois anos, também com coca. Ajuda. Porque a coca corta o álcool. Mas o que acontece quando estás a escrever é que tens o uísque ao lado – ou a vodka, ou seja o que for – mas se estás a escrever, o gelo derrete. Quer dizer, ou bebes ou escreves. Não dá para fazer as duas coisas.

Alguma vez fez experiências de escrita sob a influência de certas substâncias para ver o que saía dali?

Fiz. Lixo. O Sérgio Coimbra, quando estávamos n'*O Independente*, guardava numa gaveta as coisas que nós escrevíamos quando estávamos com os copos ou coisa assim. Incompreensível.

Nunca saiu dessas experiências nada que mais tarde se aproveitasse, mesmo que com algum trabalho adicional?

Zero. Essa ideia de que uma pessoa bêbada consegue escrever é um mito. No Faulkner, por exemplo, vê-se perfeitamente... Uma pessoa está a ler e quando aquilo começa a descambar e já não se percebe nada vê-se perfeitamente quando é que o álcool bateu. Coisas que ele não cortou, depois.

Há casos célebres, como o do Aldous Huxley, que fez experiências dessas justamente para ver o que aquilo daria.

Sim. Mas o Aldous Huxley era um pretensioso. Era um homem que lia a *Enciclopédia Britânica* volume por volume. Tinha a mania de querer saber de

tudo. Estás a falar daquele *The Doors of Perception*, não é? Ele fez aquilo com um intuito científico um bocado absurdo. Ainda estão por escrever as coisas boas sobre o álcool ou sobre a droga.

O Thomas de Quincey, não?

O Opium Eater, sim. Esse é bom. E também o *Under the Volcano*, do Malcolm Lowry. Mas o Baudelaire, por exemplo, diz cada disparate sobre o vinho: que o vinho é uma maravilha, que é criativo, não sei quê, não sei que mais. O que ajuda a escrever são as anfetaminas.

Porquê?

Porque concentram. Todos os escritores utilizam anfetaminas. Podes dizer um nome de um escritor do século XX...

Todos?!

Quase todos. Utilizam, porque ajuda muito a concentrar. Se há droga para estudar e para a escrita, e em que depois a pessoa não se envergonha, a única droga que ajuda são as anfetaminas.

Há um livro intitulado *The Road of Excess*, em que o autor, Marcus Boon, um inglês, faz um

estudo dos escritores que escreveram sobre o efeito de drogas...

Sim. Eu tenho esse livro para ali.

A conclusão dele é que cada droga tem um determinado efeito literário: que há efeitos-padrão.

Sim. Com LSD não se consegue escrever. Com o haxixe também não. Sai tudo um disparate.

Ele diz que o haxixe provoca sempre utopias de transformação social.

Eu já experimentei e geralmente só sai lixo. A cocaína ao princípio ajuda um bocadinho mas esse princípio é tão curto – é para aí de uma semana ou duas – que depois já não ajuda absolutamente nada.

O ópio, por exemplo, diz ele...

Com ópio nunca experimentei.

... o ópio provoca uma espécie de gnosticismo, um vislumbre de universos paralelos.

Não sei. Isso é um bocadinho a coisa da inspiração: as pessoas saberem se há alguma coisa que possam tomar e que vá fazer com que escrevam. Escrever é uma coisa muito concentrada. Tens que escrever o *b*, o *c*, o *a*, bater em cada uma das teclas. Portanto, não é uma experiência mística.

Consta que o Philip K. Dick é outro que inventou quase tudo o que escreveu – aquelas visões terríveis do futuro – a partir das substâncias que tomava...

É fabuloso, o Philip K. Dick. Álcool e anfetaminas. Mas acho que era anfetamina da pesada, tipo *crystal meth*. Ou anfetamina em pó. Fogo. *Speed* mesmo.

As experiências que fez tinham esse carácter de investigação: «Vamos lá ver o que sai daqui sob o efeito disto?»

Não. Com 14 anos, tentei escrever uma coisa... Eu não gosto nada de haxixe ou de marijuana. Fico sempre muito maldisposto. Ou dava-me para rir, quando era novo, ou fico muito em baixo e adormece-me. Quando, aos 14 anos, assim, tentei escrever, saiu uma merda. Portanto, aquilo ficou posto de parte. Bêbado, bêbado, nunca fiquei muito bêbado na minha vida. Mas quando já se está assim bastante com os copos e com anfetaminas só saem disparates. É incompreensível. Não há maneira de uma pessoa conseguir escrever melhor do que consegue falar. Isso é outro mito dos escritores. A coisa romântica dos escritores alucinados, a escrever alucinadamente é mentira.

Os românticos terão sido os primeiros a começar a escrever, de um modo sistemático, sob esse tipo de influência: o Novalis parece que escreveu os *Hinos à Noite* sob a influência não sei de quê... do láudano, creio.

Sim. Como se pode escrever sob o efeito do *Lexotan* ou sob o efeito seja do que for. Só que não há nada, acho eu, como as coisas que nos concentram no papel. Mas eu já tenho uma capacidade de concentração muito forte. Não preciso. Quando começo a escrever fico completamente absorto. Não é só a escrever. A ler, também.

Mas há quem procure estimulantes para a imaginação; para abrir o campo dos universos possíveis.

Escrever é trabalho. Tem que se trabalhar. Não há essa coisa dos universos, nem a inspiração. Tens que te sentar, escrever, ir tirando uns apontamentos. De vez em quando vem uma ideia, tens que pensar e trabalhar e ler e investigar. Infelizmente é trabalho. Não há maneiras fáceis.

Normalmente, escreve durante quanto tempo por dia?

AGORA SAIU UM LIVRO DO HERBERTO HELDER QUE É UMA COISA... UM GÉNIO. CORTA A RESPIRAÇÃO, A CORRIDA QUE AQUILO É. FICA-SE TONTO DE BOM. DÁ A VOLTA À CABEÇA. PORRA! NÃO HÁ NENHUMA DROGA QUE FAÇA ISSO. O MÁRIO CESARINY, OUTRO LIMPO, LIMPO, LIMPO. A LITERATURA PORTUGUESA É A POESIA. OS GRANDES ESCRITORES SÃO TODOS POETAS.

Posso escrever durante muito, muito tempo. Durante 30 ou 40 horas.

Consecutivas?

Sim. Ininterruptamente.

Isso é uma directa.

É uma directa, sim. Consigo fazê-lo perfeitamente. Se estou a escrever uma coisa muito importante ou muito boa, consigo estar muito, muito tempo. Mas também consigo escrever uma coisa muito depressa. É preciso ver que eu não faço outra coisa, há 50 anos, senão escrever.

Qual foi o primeiro livro que o fez ter consciência de que estava perante algo de extraordinário?

Com seis ou sete anos impressionou-me imenso ler o *Tom Sawyer*, depois o *Huckleberry Finn* e o *Treasure Island*. Depois, o *tchan* seguinte foi quando li o primeiro Beckett. O primeiro que li foi *All Strange Away*. O Evelyn Waugh também é um escritor em que uma pessoa fica assim... *Ordeal of Gilbert Pinford!* É um escritor perfeito. Escreve tão bem. Mesmo com todos os problemas que ele tem. Esse, supostamente, é outro que era uma péssima pessoa. [Gargalhada.] Não podia ser pior pessoa, como ser humano.

Até parece – com tantos exemplos desses – que um tipo simpático, porreiro e boa onda não pode chegar a ser um grande escritor.

O Cardoso Pires era boa onda, um gajo porreiro

e um grande escritor. O que ele escanhou e limpou a língua! Eu gosto muito dos que *lavam* a língua. Há escritores que fazem isso. Despojam-na daquela excesso de ornamentação, de adjectivos, de descrições, de mobília, do raio que o parta. Na poesia também acontece isso. A poesia é outro universo.

Refere-se normalmente mais à ficção do que à poesia.

Porque a poesia não é um problema, em Portugal. A poesia sempre teve grandes *lavadores*. A poesia do João Miguel Fernandes Jorge é limpa. Uma coisa maravilhosa. Agora saiu um livro do Herberto Helder que é uma coisa... Um génio. Corta a respiração, a corrida que aquilo é. Fica-se tonto de bom. Dá a volta à cabeça. Porra! Não há nenhuma droga que faça isso. O Mário Cesariny, outro limpo, limpo, limpo. A literatura portuguesa é a poesia. Os grandes escritores são todos poetas. A não ser a Agustina.

Então a frase batida de que vivemos num país de poetas tem, para si, razão de ser.

Não é um país de poetas. Temos é uma grande quantidade de poetas muito bons. Então comparados com os *prosistas*...

Vê alguma explicação para isso?

Não sei. Preguiça. Será preguiça?

Isso é supor que a poesia dá menos trabalho que a ficção.

Preguiça no sentido da extensão e do facto de a poesia ser capaz de apresentar imediatamente uma série de impressões que se podem reescrever as vezes que se quiser até terem a forma perfeita. A poesia é muito mais difícil do que a ficção. O problema talvez seja o contrário: o de que os ficcionistas portugueses – nos quais me incluo – são maus porque não conseguiram ser poetas.

O Miguel começou por tentar ser poeta, também. Claro. Toda a gente. Poemas em barda.

Escreveu muita poesia?

Sim. Muita. Foda-se. Centenas de milhares de poemas. Se calhar o mal da ficção portuguesa é os romancistas serem todos poetas fracassados. A Agustina, que é a grande romancista, odeia poesia. Odeia, quer dizer, isso é um exagero: mas não gosta.

O que é que o desencorajou de continuar a escrever poesia?

Ser uma merda.

Disseram-lho ou deu-se conta disso por si próprio?

Dei-me conta. Não é uma coisa que se diga, isso.

Escrevia sobre quê, em poesia?

Sobre tudo. Estava sempre a escrever poemas. De manhã à noite. Desde os meus dezassete até aos meus trintas. Sessões contínuas. Directas. Só poemas.

Com destinatário, normalmente?

Não. Juntava uns poemas. Fazia os meus livrinhos. Acabava um, começava a fazer outro.



O autor do recente *Em Portugal Não Se Come Mal* gosta de ler os jornais e escrever numa marisqueira perto do Estoril

Porque é que nunca chegou a publicar nenhum desses livrinhos, nessa altura?

Porque eram uma merda. É uma pena. Tu lês o Mário Cesariny ou o Herberto Helder ou o João Miguel ou o Joaquim Manuel Magalhães e ficas... O António Franco Alexandre. O Ruy Cinatti. É uma coisa devastadora. Portanto, o problema está resolvido. Pessoa. Camões. Quer dizer, o problema da nossa literatura está resolvido. Não é preciso inventá-la ou reinventá-la. Está escrita.

Num dos seus romances, Camões está muito presente...

N'A *Vida Inteira*. Sim.

Há uma passagem em que o narrador, aquela alma que transmigra de corpo para corpo, faz uma associação improvável: diz que o Morrissey e o Camões tinham a mesma alma.

Sim. São aqueles lamentos. O Camões é tão *approachable*. Parece que está sempre a falar por nós.

A minha questão tinha a ver com a ligação entre um e outro: é frequente o Miguel encontrar afinidades artísticas muito intensas em artistas que não têm nenhuma relação entre si?

As canções mais bonitas do Morrissey são sempre sobre a rejeição. Ele ser rejeitado pela pessoa de quem gosta, o estar apaixonado por um rapaz que não lhe liga, o querer morrer. Isso é também, um

bocadinho, a coisa do Camões: a *selfpity*, que desgraçado que eu sou. Mas, por amor de Deus, o Morrissey e o Camões são totalmente diferentes. Portanto, o problema é meu. Talvez essa junção, quando a fazemos, seja mais uma definição de nós próprios e do nosso problema.

Ouve-se muitas vezes a expressão «A minha vida dava um filme.» A sua vida dava um livro?

Acho que dava. Embora, como com todas as vidas das pessoas que escrevem e que lêem, estar sentado a ler e a escrever seja muito *boring*.

Gosta de autobiografias?

Gosto. Imenso. Gosto da ideia de uma pessoa ver a sua vida como uma coisa que se possa contar. A ideia de que a narrativa – o princípio, meio e fim – é dada por si próprio. É uma ideia um bocado estranha.

É até, às vezes, a ideia de reinventar a própria vida.

Exacto.

Vai escrever a sua autobiografia?

Vou. Vou, porque nos meus romances não aproveito as minhas experiências. Os romances que tenho feito são invenções. E ficam os episódios da minha vida, aqueles que não saem nas crónicas... As crónicas são muito importantes para mim. Não são uma coisa que eu faço para os jornais. São a minha

escrita principal porque se mantêm ao longo dos anos. Já são muitos anos. Quando nasceram as minhas filhas, quando morreu o meu pai, foi sempre através da crónica que essas coisas aconteceram. Todos os episódios da minha vida estão nalguma crónica. É importante dizer isso. Portanto, não tenho uma vida à margem daquilo que escrevo. Mas uma autobiografia no sentido de dar uma narrativa, sim, acho graça à ideia. Contar coisas que não contei nos livros.

Será uma autobiografia autojustificativa ou de alguém que se expõe?

Eu sempre fui mais de me expor, de confessar. De não guardar segredos. Mas não sei, vamos ver.

Há um tipo de autobiografia anglo-saxónica de contar tudo, às vezes quase até ao limite da decência.

Não, isso não. Eu gostaria de fazer uma autobiografia dos sentimentos. Gostaria que fosse uma autobiografia em que outras pessoas se revissem. Não quero fazer uma coisa *me, me, me*. Eu já pensei nisso, como é óbvio. O que eu queria era fazer os estádios da vida de uma pessoa. Mas algo que fosse identificável com outras pessoas. O que é ter dois anos, três anos, quatro anos, treze, catorze, quinze. Isso corre o risco de se tornar um ensaio e não uma autobiografia.

Não, com coisas minhas mas universalizáveis. Queria escrever sobre a infância, sobre o que é ter 23 anos, sobre o que é estar pobre. Experiências que as pessoas conheçam.

Já passou pela experiência de estar pobre?

Sim. Então não? Paupérrimo. E agora sou pobre. Tenho muito pouco dinheiro. Vivo muito pior do que vivia. Uma das coisas de escritor é que tem de se ter a coragem de não ter um trabalho. Eu estava na universidade, saí de lá, portanto se eu não escrever não recebo um tostão. É uma vida difícil. O dinheiro é pouco. Temos de fazer imensas poupanças. Mas para se estar o dia inteiro a pensar, para não ter de se dizer a ninguém «sim senhor, vou já fazer» ou «boa tarde», todas essas coisas, ou «sim, gostei», «está bem, eu leio», «com certeza», para fugir a isso, para poder ser totalmente autor de mim próprio, tive de me isolar. Então: corda bamba. Quando adoeço não tenho dinheiro no banco, estou na miséria. Quando trabalho mais um bocadinho, há mais dinheiro. Há outros meses em que não há. Por exemplo, não temos empregada. É assim a experiência de ser pobre.

Mas já foi mesmo rico, também?

Sim. Já fui muito rico. Com dinheiro a rodos, durante muito tempo.

É a mesma pessoa numa situação e noutra ou isso não influencia a sua maneira de ser?

Acho que, apesar de tudo, quando uma pessoa está pobre tem de pensar mais vezes sobre o dinheiro. Mas eu tento pensar o menos possível. Acho que uma pessoa ser rica... [Gargalhada.] Ser rico é mais fácil. Mas ser pobre também tem as suas virtudes. As coisas também têm um sabor diferente quando são bem escolhidas. Quando se compra um nabo, vai-se comprar o melhor nabo. Porque em Portugal, felizmente, o preço não está ligado à qualidade. Se tu fores à praça compras umas laranjas muito melhores e mais baratas. Não é uma questão de, se estiveres rico, poderes comprar as melhores laranjas ou os melhores carapaus ou o melhor tremoço. Não é assim. Portugal, felizmente, é um país onde, se tens pouco dinheiro mas muito tempo, tens tempo de arranjar o melhor nabo. Uma delícia. Levantas-te mais cedo e vais à praça.

Por isso é que se costuma dizer que tempo é dinheiro.

Exactamente. Tempo é dinheiro no verdadeiro sentido: é um luxo ter tempo. Paga-se caro. O preço a pagar por isso é a pobreza.

O primeiro episódio da sua autobiografia vai ser algum momento em particular?

Bem...

Ou tem a intenção de a escrever de uma forma cronológica?

Sim. Irritam-me aquelas coisas que começam no meio. Vou tentar lembrar-me da minha primeira memória e vou tentar descrever cada ano. Mas

como já disse: com os sentimentos, não tanto com as experiências.

É inevitável, tendo o Miguel convivido com muita gente pública, que a certa altura haja episódios vividos por si com essas figuras conhecidas, que o ponham perante decisões difíceis: conta ou não conta esses episódios que não são só seus?

Sim, conto. Acho que se deve contar. Se tiverem graça. Se não tiverem graça, não. Mas a graça faz perdoar tudo, não é? Mas não percebo bem a pergunta. Para as tuas perguntas é sempre preciso duas inteligências. Uma para tentar interpretar a pergunta – porque são sempre perguntas ricas e não totalmente explícitas – e outra para responder.

A pergunta é esta: não receia...

Se eu vou entalar alguém?

COMO FICIONISTA PUBLIQUEI TRÊS ROMANCES, JÁ PODIA MORRER À VONTADE QUE TENHO UMA OBRA CONSIDERÁVEL, PORRA. ESSA HISTÓRIA DE QUANDO É QUE SAÍ O PRÓXIMO, ISSO É CÂ COMIGO. E A COISA DE QUE JÁ PASSARAM NÃO SEI QUANTOS ANOS... POR AMOR DE DEUS, NINGUÉM TRABALHOU TANTO COMO EU.

Ora bem.

Não. Claro que não.

A Maria Filomena Mónica escreveu uma autobiografia e o Vasco Pulido Valente parece que não gostou.

Não gostou. Mas ela não o entalou, quanto a mim. Não estou a dizer que ela o entalou. O que estou a dizer é que ele sentiu que aquilo ultrapassava determinados limites. Esse problema põe-se-lhe?

As relações entre pessoas – entre homens e mulheres –, com nomes, não são interessantes, para mim. O que é interessante, para mim, são os estados de espírito, a traição, o amor, o deslumbre, a amizade. Isso é que me interessa.

De uma forma mais abstracta, menos concreta?

Não é abstracta. É verdadeira. Por exemplo, o Plátão diz: «Sentei-me com o meu amigo, com umas azeitonas e um jarro de vinho.» Isto no *Simpósio*. «Sentámo-nos, pusemo-nos a comer e a beber, fartámo-nos de rir, falámos de mulheres, ele a achar que as mulheres são umas putas e eu que não», e não sei quê, não sei que mais. Isso foi escrito há cinco mil anos e hoje é totalmente compreensível.

Porquê? Porque é verdadeiramente universal. É isso que é importante. Se ele dissesse assim: «Ele entrou com o não sei quantos, na tasca do não sei que mais, a comer as azeitonas, falaram da não sei quê e da não sei quantas», isso não teria interesse. Portanto, uma pessoa quando escreve – e eu quando escrevo tento fazer isso por obrigação e por atitude filosófica – tem de escrever sobre coisas que outras pessoas reconheçam. Que horror a ideia de entalar pessoas ou de falar de pessoas! Dizer as pessoas que eu conheci ou com quem... para as pessoas irem ver: «Ah, este não sei quê.» Isso, desculpa, é bisbilhotice.

Mas há pouco colocou uma ressalva: se tiver graça...

Sim, se tiver graça posso contar. Não vou é dizer o nome. Eu detesto bisbilhotice. Há muita bisbilhotice na literatura. Há pessoas que vão ler romances para ver quem é este, o que é aquilo. Há muitos livros com o *who's who* na literatura. Não tenho interesse nenhum por isso.

O que é que o leitor Miguel Esteves Cardoso costuma dizer ao escritor Miguel Esteves Cardoso?

O leitor diz-lhe: «Vai trabalhar.» É horrível.

O leitor e o escritor dão-se bem um com o outro?

Não. Eu preferia estar sempre a ler. Ler é sempre bom. Mas tenho que ir escrever e escrever é uma angústia: «Ai, lá vou...» Depois, começo e gosto. É como os putos com o banho. Escrever é exactamente a mesma coisa. «Não, não vou.» Mas depois já não querem sair. Também ninguém me consegue parar de escrever.

Sente-se mais generoso como escritor ou como leitor?

Eu leio de tudo. Interesse-me por tudo. Não só por literatura. Revistas, jornais, artigos de opinião, História. Livros de não-ficção, gosto muito. Fico obcecado por um assunto e vou por aí fora.

Qual é a sua obsessão actual?

A obsessão actual é a botânica. Ainda ontem estive a ler uma coisa sobre a relação entre os fungos e as árvores.

Parece, em si, um interesse muito improvável.

Não é improvável, não. Tudo é interessante. Se se vir bem, não há nada que não seja profundamente interessante. O meu mal é ter uma curiosidade de puta. Acho tudo fascinante. Depois, há a utilidade marginal, que é um conceito fabuloso da economia. É verdade que as primeiras horas em que estás a ler uma coisa nova são as mais ricas. É quando se aprende mais. Quando a utilidade marginal começa a descer, ou seja, quando já não adianta a não ser estando mais uma semana, então abandono e começo com outra área. Não vou até ao fim.

Não quer tornar-se um especialista.

De nada. Não. E também porque isso me convém para escrever. Convém-me ter uma noção das coisas. Posso precisar. ■